

Documento de Registro de Entrevista para o site de MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Álvaro Migas Stefani

**Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon
Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu
Mirassol/SP**

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: temática

Entrevistadora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Instituição: Etec Professor Matheus Leite de Abreu

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A entrevista foi realizada com Álvaro Migas Stefani, professor formado pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, e que trabalha em nossa instituição, desde 1989, ministrando aulas nos componentes curriculares do curso mais antigo da instituição voltado para a Agropecuária. Atualmente é professor de Nutrição animal, Criação de animais de médio e grande porte, Pastagens e conservação de forragens, além de Coordenador de curso de Agropecuária. O registro histórico de sua entrevista contribuiu para enriquecer o projeto "Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon da Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol: registros de objetos da educação profissional", elaborado para o ano de 2020 no Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Local da entrevista: Entrevista on line na Plataforma Teams

Data: 28 de agosto de 2020

Duração: 46 minutos e 50 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Número de páginas: 16

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada em agosto de 2020, no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com o entrevistado Professor Álvaro Migas Stefani, por este participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem dos cursos voltados para a Agropecuária, como também das práticas escolares pedagógicas utilizadas pela instituição no decorrer de sua história, fornecendo dados para materialização histórica do período trabalhado como também, enriquecer o projeto elaborado para o ano de 2020: "Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon da Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol: registros de objetos da educação profissional".

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 31 de agosto a 04 de setembro de 2020

Nome da transcritora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

SMOOS (Sueli Mara Oliani Oliveira Silva): Bom dia professor!

MAS (Alvaro Migas Stefani): Bom dia!

SMOOS: Agradeço imensamente a oportunidade dessa entrevista, e gostaria que você comentasse sobre a sua vida pessoal e a sua formação acadêmica.

AMS: Bom dia pessoal que tá me ouvindo! Eu sou nascido em 1959, atualmente estou com 60 anos, pronto para completar 61. Sou nascido em São Paulo, paulistano de nascimento, adotei a cidade de Mirassol, o interior por opção fazendo o caminho regresso da minha família, meus pais são nascidos nessa região e foram criados pelo menos nessa região. Estudei sempre em escola pública e isso ainda na época do grupo escolar, que a gente fazia da primeira a quarta série, passei da quarta, da quinta para oitava série estudando em colégio hoje ensino básico fundamental até oitava série. Meu ensino médio era costume na época a gente fazer um curso profissionalizante, e como o estado fornecia poucas oportunidades, eu acabei fazendo um curso de Contabilidade, Técnico

em Contabilidade numa escola particular lá em São Paulo perto da minha casa, o colégio José de Anchieta, depois desse curso eu fiz dois anos de cursinho para ingressar na faculdade de veterinária pela USP. Na época, também não existia faculdades particulares de Medicina Veterinária, então só tinha como opção era a USP e Unesp, que tem um campo de Campus de Jaboticabal em Botucatu, e Botucatu na época era novinha, tinha uma turma que não era formada ainda. A minha vontade de fazer medicina veterinária começou já com 14 anos, eu queria fazer o curso de Veterinária para lidar, mexer com animais bem maiores do que eu e me formei e não queria mexer com cães e gatos, vou para o interior que eu vou mexer com vaca e cavalo e no final de 1984 me formei e me mudei nesse ano, deixando a mãe chorando, mas, eu voltava para São Paulo uma vez por mês para ver se chorava um pouco menos. Então eu passei trabalhando com animais fazendo Clínica e Cirurgia de animais de grande porte até o ano de 2000, 2002 por aí, e aí a idade chegou a pesar e associado com a vinda à região da cana-de-açúcar, e foi diminuindo cada vez mais o plantel de gado de leite, e então associei as necessidades e passei a trabalhar com animais de pequeno porte, animais de companhia, cães e gatos. Em 2012, final de 2012, resolvi abrir uma clínica que antes sempre trabalhava na clínica colegas, auxiliando esses colegas até operando para eles, e hoje eu tenho a minha Clínica e associado com as aulas no Centro Paula Souza ou na atividade de professor. Entrei na época que ainda era ETAESG, as Etecs ainda pertenciam à Escola Técnica Agrícola, pertencia à educação. Em 1989 foi quando eu ingressei na escola, era funcionário, era um professor da Secretaria de Educação. A escola passou, em 1990, passou para ser administrada pela Secretaria do Desenvolvimento Econômico Social, mas os professores ainda eram da Secretaria de Educação emprestados para essas unidades para dar aula em 92, passei de 92 a 94 agora eu já me confundi com a data.

SMOOS: Em 91 foi para a Secretaria da Ciência Tecnologia e 94 para o Centro Paula Souza...

AMS: 94 nós fomos efetivados. Eu sei que nós passamos por uma transição, parece que 94 passou para Centro Paula Souza, e depois, no final daquele 94, final de 95 nós fomos, aí teve o concurso para professor e eu entrei e consegui

passar esse efetivado no quadro do Centro Paula Souza como professor. Para isso, eu também tive que fazer um curso para poder ministrar aula, que era graduado só em medicina veterinária, aí eu tive que fazer um curso de licenciatura, tem muita gente que ainda chama isso de Esquema 1, e na época era um programa especial de capacitação de professores de ensino técnico no governo do Fernando Henrique Cardoso, que montou isso para poder suprir a demanda de professores do ensino técnico, que não existia muitos. Não tinha muitos professores licenciados, eles eram, éramos todos só graduados, então isso deu material pedagógico para gente usar todas as ferramentas da pedagogia, então eu me formei, mais um curso superior e hoje já tô na escola nessa mesma unidade tem o que? - 30 anos, pouco mais de 30 anos, lecionando na mesma escola por ser veterinário e dou minhas aulas, minha principal aptidão são aulas na área de Produção animal de pequeno porte, onde tem as aves e coelhos lá na escola de médio porte, eu só tenho suínos, a suinocultura de maneira completa, que cria, cria e engorda, e de bovinocultura, mais especificamente bovinocultura de leite, que a gente tem um projeto de gado de leite em pastejo rotacionado atualmente.

AMS: Bom, sou pai de dois filhos, que mais? Atualmente tenho cinco netos que me deixam louco, que mais? E acho que é só da minha história.

SMOOS: Você poderia comentar um pouquinho mais sobre os projetos da agrícola? Como suíno, o aviário?

AMS: Bom, vamos começar lá com o aviário. A gente tem estrutura para a produção de aves de corte, tanto no sistema industrial atual que são animais que convivem vivem no mesmo espaço, no galpão fechado com iluminação e ventilação naturais, e esses animais, os ciclos de produção deles de pintinho até frango de 42 dias, depois dessa fase todo o lote é abatido para venda. Na criação a gente tem a preocupação de como a recepção dos pintinhos de um dia, onde a gente prepara o galpão, limpa, desinfeta o galpão, colocamos uma camada de cama de serragem para servir tanto como isolante térmico para temperaturas extremas, ou frio demais ou calor demais, tem que por uma camada de serragem no chão, a camada de 07 cm, provemos uma fonte de calor à base de gás para

manter esses pintinhos nos primeiros dez dias de vida, com uma temperatura superior a 35 graus, opa desculpa, superior a 30, 32 graus, porque nessa temperatura que eles vivem bem nesses primeiros dez dias, então eles são recebidos à temperatura de 32 graus que vai se diminuindo no decorrer desses dez dias, e para não fugirem da fonte de calor eles são cercados por um círculo de proteção, esse círculo de proteção é um material, ou em papelão ou em placa fina de PVC não, de madeira de 60 cm de altura. Então essa fonte de calor é uma campana que me mantém esse local aquecido e a gente faz o controle da temperatura com uns termômetros de máxima e mínima, quando a temperatura tá muito elevada, a gente eleva essa campana, e quando tiver muito frio a gente abaixa a campana para manter essa temperatura. Então é a fase mais difícil da criação, que precisa desse cuidado, os sistemas nas propriedades já são tecnificados, e isso é tudo por sensor e a própria máquina, o próprio sistema que faz regulagem automática, no caso da nossa escola é muito pequeno, não temos esse equipamento, e eles são caros, então a gente fica naquela preocupação de acompanhar diariamente ou diuturnamente tudo o que acontece durante a criação nesses 10 dias, chegando inclusive a fazer uns plantões à noite. Então fica uma aluna encarregada ou um grupo de alunos encarregados de ficar acompanhando essa criação durante a noite. Passado esse período de 10 dias, o círculo de proteção vai se alargando pelos animais começam a ficar grande, o crescimento bastante rápido, vai se dando mais espaço e eles já são maiores, esses animais já estão empenando, já estão ganhando pena e ficam mais competentes para fazer a termorregulação. No máximo em 15 dias a campana é desligada e o círculo de proteção removido, nesse meio tempo nós temos as vacinações, para nossa região é só a mesma que a gente faz, a vacinação contra a doença de marek, que é colocado a vacina diluída em água e colocado nos bebedouros para esses animais, então conforme eles vão tendo sede eles vão bebendo a água, e já vão digerindo também a vacina e ficando vacinado todos eles. Passado todo esse período dos 10 primeiros dias no máximo 15 dias, a gente acaba tendo esses animais, dando bem menos trabalho, quanto à atenção que a gente dá para eles e eles são a única preocupação mesmo, fica em manter uma fonte de água limpa e fresca e a alimentação que é dada à vontade, que não é feito o controle da quantidade oferecida, fica mesmo na nossa preocupação, fica na regulagem da altura que o comedor fica do chão e a altura

que o bebedouro fica do chão, para que não haja desperdício de ração e nem o derramamento de água na cama, que a umidade vai provocar fermentação, uma vez que eu tenho nessa cama os dejetos desses frangos e a ração que acaba caindo no chão. Findado esse período, esses animais são levados ao abate. Então essa é uma modalidade de criação que a gente tem de frango de corte em sistema industrial, tem só obviamente a finalidade didática que é mostrar o nosso criatório, nossa criação fica limitada, aí a 100 a 150 aves. A outra modalidade de criação de frango de corte que eu tenho que se chama Colonial, esse é o nome bonito que a Embrapa forneceu para a gente, para não falar que é frango caipira, mas vamos colocar assim, a criação é levada a gente tem outra linhagem ou raça de aves para corte, então a gente recebe os mesmos cuidados dos pintinhos que vende em granjas de corte, aqueles frangos brancos para corte, a gente vai ter os mesmos cuidados que esses pintinhos, quanto a cama, a limpeza, a desinfecção, a cama círculo de proteção fonte de aquecimento, vacinas e essas aves passam para a gente passam no barracão por 30 dias, depois elas são levadas para instalação a campo, onde essa instalação, esses animais vão ter acesso a um Piquete, a uma área de pastejo e abrigo então nesse abrigo eu vou ter lá puleiros, tenho água e um pequeno cocho para ração. A intenção é que essas aves vão passar, passem por lá, mais 60 dias e onde elas vão ciscar, elas vão comer gramíneas, folhas de capim, eventualmente bichos, larvas, insetos que estão nesse piquete, nos quais a gente sempre tá colocando restos da horta, tanto para essas aves comerem, como para a criação da fauna para esses insetos que vivem lá e dá a fonte de proteína que essas aves precisam e eu faço uma complementação com milho, que não é colocado em coxa é jogado no chão para que as aves tenham, mantenham o hábito de ciscar, comer milho, grão, com isso eu vou ter uma carne mais firme, animais que vão ser abatidos não com 40 dias ou 42 dias, mas aves que vão ser abatidas com 90 dias de vida, uma coloração de pele diferente, uma consistência tanto da carne, mas principalmente da gordura, uma vez que o grão de milho eu vou ter o óleo de milho e esse óleo de milho ele é extremamente cheiroso, vai conferir na carcaça, o sabor e cheiro do que é encontrado nas aves caipiras, daquele que quando a gente ia lá na casa de um tio da vó, tal como eles faziam, pegava o franguinho para fazer na panela, e vem aquela carne firme, uma carne mais escura, um sabor muito próprio, muito característico do frango caipira. Vantagem

dessa criação é que se eu fosse criar de maneira caipira, de maneira extensiva, vamos colocar assim, eu ia ter um frango pronto para o abate com seis meses de idade e nesse sistema, eu tenho a mesma qualidade de carcaça, os mesmos sabores e cheiros de uma ave caipira, com metade do tempo e isso para o proprietário rural é uma vantagem enorme, por que você consegue o dobro de produção no ano ao invés de ter dois lotes você teria quatro lotes nessa área de piquete, ela é cercada então, também é difícil do animal se extraviar muito mais fácil ao controle de animais predadores, não tenho a perda de animais, é muito pequeno, e com uma boa aceitação no mercado consumidor. Então essa é a maneira que a gente cria então a gente acaba vendendo esses animais, a gente nem abate, vendem eles em pé, alguns querem, têm interesse na reprodução desses animais e outros preferem um animal um pouco até mais gordo do que a gente fornece, ou ele faz o abate quando ele achar necessário é muito comum isso lá na escola o preço também é muito diferenciado, frango de granja tem um preço aí estipulado pelo mercado que é baseado no preço que é pago no supermercado, as aves caipiras já é com uma carne muito diferenciada, mais demorada para a gente produzir, então ela tem um preço maior, como eu consigo tirar bem menos tempo do que seis meses, consigo tirar com três meses, a gente tem uma lucratividade muito grande que nesse sistema de criação.

AMS: Bom, a gente tem outra forma de criar lá, aves, aves de postura, então, a gente tem ainda aves de postura em gaiola, em gaiolas individuais, então a gente pega e compra no mercado próprio só pintinhas, que são animais sexados, só vem fêmeas, mesmo lote de pintinhas a capacidade lá da escola é de 144 aves, e eu tenho 144 gaiolas, a gente acaba comprando 150 pintinhas para que eu chegue no final da fase de cria dessas pintinhas com a eventualidade de alguma morte eu tenha por volta de 140 ou 144 aves para ser alojadas. A cria delas, essa fase de cria dessas aves vai tendo a recepção que a gente recebe essas pintinhas um dia de vir até o primeiro o ovo, isso me dá um período médio de quatro meses podendo chegar até cinco meses dependendo da época que eu recebo essas pintinhas, então na época da metade do verão, se eu recebo esse lote lá no nível de escola em fevereiro, março eu costumo ter o primeiro ovo sendo colocado lá com cinco meses, porque os dias estão ficando cada vez mais curtos, então as aves respondem a esse foto período, então os dias são mais

curtos as noites ficam mais longas, a partir de 21 de Junho nós começamos, saímos de um período de baixa e começamos até numa alta na luminosidade do dia, então cada dia mais longo, sendo as noites paulatinamente mais curtas e isso tem um efeito positivo na maturidade sexual das aves, então aí quando eu tenho essas aves sendo recebidos a partir de junho, julho, eu tenho quatro meses chegando até três meses e meio, de um dia até o primeiro o ovo, então quando começa a pingar esses ovos, né que a gente fala pingar esses ovos, porque eu tenho o formato do ovo que parece uma gota, então quando começa esses ovos no formato de gota e se pingar ovos, essas aves são removidas desse alojamento e vão para as gaiolas individuais, então elas passam a receber alimentação de postura que a gente troca alimentação delas para alimentação de postura, em uma alimentação que precisa ter mais cálcio, e já tem bebedouros automáticos lá na nesse espaço, nessas gaiolas, então cada gaiola tenho um bebedouro com um bico para retirada da água e a ração é colocada nas calhas, nos comedouros em forma de calha na frente da Gaiola, e elas ficam lá por um período de mais 50 semanas, praticamente um ano elas ficam produzindo ovos, produção de ovos máxima que a gente consegue são de 80 ovos, é, 80 por cento para cada 100 aves no primeiro ano de postura delas, comercialmente o que o pessoal faz é manter essas aves por um período só de postura, passados esse primeiro ano essas aves são descartadas, elas são removidos e levadas para o abate onde vão virar aqueles tabletes de caldo de galinha, no início você já estaria pulando essas gaiolas com outro lote, lá na escola a gente tem problema financeiro, a gente mantém um lote pelo segundo ano, aí o meu pico de produção chega a 70% de produção, só que desses 70% ou essas aves até 70, 80 ovos que eu tiro de 100 aves, eu também acabo tendo uma perda do número de aves, por que depois do ciclo de produção essas aves passam por um período de troca de pena, e nesse período de troca de pena, elas comem muito, come muita ração e não me produz ovos.

AMS: Então a gente tem o problema financeiro, o que que a gente faz, passa uma semana sem alimentar essas aves, fornece água, mas corta essa alimentação, voltando aí um período de cinco dias, após a gente volta alimentar essas aves, como produzem um ovo cada 26, 27 horas, elas também são animais que já estão mais debilitados, então é muito fácil ter perda desses

animais com ou sem o jejum que a gente fornece para elas, então eu perco algumas aves nesse processo assim como eu perderia mesmo sem ele, sem esse processo do jejum. Então eu passo a ter um lote menor para o ano seguinte uma postura que a gente sabe que vai ser menor, com outro agravante que seria os ovos um pouco menores do que do primeiro período de postura, mas economicamente para nós, para a escola, ainda é uma economia relevante, essas pintinhas de um dia custam pelo menos umas três vezes o valor de uma ave de um pintinho comercial, tanto por ser sexagem, como pela própria genética que elas carregam e a gente tem um período de cria, quer dizer aquele negócio do barracão desinfetado com cama com iluminação, com calor e círculo de proteção, vacina, e aí passado essa fase, ainda tem uma alimentação de manutenção até começar a produção de ovos, passando a produção de ovos, passa a ter uma alimentação para galinha de postura. Então, essa fase de cria para gente é muito caro, a gente tem essa utilização de um para um segundo ano de produção, planos, mas ficou só nos planos que toda vez vamos introduzir algo acontece alguma coisa, e passa entre os planos para produção de frango de galinha de postura, aves de postura e a gente já tá pensando não colocando em prática por causa da condição nem tanto econômica, mas mais material, a intenção de fazer postura no piso onde essas aves ficariam direto só no barracão, e esse barracão fica modificado só em função do número de aves por metro quadrado, enquanto que nas aves de corte ou nessa fase de cria, eu coloco dez aves por metro quadrado, e a postura em piso eu tenho que baixar isso para seis aves por metro quadrado, então eu tenho que ter um número menor de aves em cada barracão, cada divisão do meu barracão conta comedouro e bebedouro é o mesmo da fase de frango, mas eu também tenho que pensar em ninhos que essas aves não colocam, se eu vou deixar de maneira mais natural elas não vão colocar essas ovos no chão, elas vão procurar ninho. Então, eu tenho que colocar ninhos nesse barracão, e o número de ninhos é um ninho para cada quatro aves. Então, eu preciso de material, preciso de dinheiro para adequar esse barracão e a confecção desse ninho, ou comprar pronto ou fazer nós mesmos nessa mesma linha, a gente pode fazer esses ovos, essa produção de ovos utilizando essas aves colocando naqueles piquetes onde que eu tenho os frangos de caipira, os frangos coloniais, a área que eu tenho lá ela é dividida em três para cada piquete, cada divisão daquela tem 300 metros

quadrados, eu conseguiria colocar naqueles 300 metros quadrados, coisa de 60 aves, aí também tem que prover de ninho e puleiro para essas aves, bom puleiro eu já tenho, eu só preciso adequar mesmo é ninho para essas aves, aí eu teria um ovo caipira que eu teria um preço diferenciado para colocar no mercado, não é mais o ovo que passa né o mesmo valor do da cartela de ovo que é vendido na porta da sua casa, né? Mas tem o ovo caipira também ela é mais difícil você conseguir juntar uma dúzia de ovos, a gente vai conseguir de maneira bem mais fácil pra gente poderia estar se aproveitando da lucratividade do negócio.

AMS: Outra criação que nós temos lá é a criação de suínos, que a gente tem as porcas de cria, os leitões que ficam com a gente até a hora do abate. Esses animais, a gente, nós não abatemos lá na escola, são vendidos e levados ao abate nos frigoríficos. Nós temos um número de seis porcas, tem um cachaço que é o reprodutor. Nossa reprodução, a gente consegue dois partos por porca por ano, de mais ou menos doze animais por parto, com doze filhotes por parto, o período de gestação das porcas é de 114 dias, ou seja, três meses e três semanas e três dias, com trinta dias de lactação. A alimentação é duas vezes ao dia, são feitos sempre por alunos e esporadicamente feitos por funcionários e esses alunos é que faz a limpeza, manutenção dessa criação. Então, tem lá a máquina para lavar o chão, e esses leitões são vacinados e vermifugados sempre por alunos durante as aulas, as nossas aulas práticas. Temos também lá na suinocultura começou um projeto mais novo de colocar porco, porcos caipiras que eu devo fazer um manejo mais rústico com esses animais sendo criados não mais em barracões, o piso é impermeável, mas essa criação é feita em piquetes. Os animais são soltos numa área próxima da suinocultura comercial, os cuidados sanitários são os mesmos que tiveram vermifugação e vacinações é o mesmo, a diferença fica que estão comendo tanto pasto, né aí, mas, você também tem os restos da horta e os restos da cozinha, que é pouco, mas, existe então é fornecido para esses animais tal como uma forma de a gente conseguir usar subprodutos que são sobras da nossa atividade e associar também uma parte de procura por animais que tenham uma quantidade maior de gordura de banha do que a gente tem na nossa no nosso criatório comercial. A suinocultura tá tão moderna que a gente não tem mais raças de suínos, a gente tem linhagem de suínos e a quantidade de gordura que eles estão tendo

é tão baixa que o mercado aqui para cidade, é a gente não consegue o mercado por causa dessa quantidade baixa de gordura, o pessoal daqui quer um porco com um pouco mais de toucinho. Então, já falei que nosso criatório é constituído de seis fêmeas e o macho e temos por volta de três, quatro fêmeas marruás, que são animais jovens que a gente tá recriando para aquela que substitua uma das porcas, e a gente espera que coisa de três anos eu tenha a substituição completa do rebanho lá no rebanho das fêmeas, os machos a gente compra no mercado em outros criadores para trocar à genética e assim eu tenho sempre plantel renovado. Teoricamente, melhor do que a gente tem, porque sempre está fazendo melhoramento genético, tenho melhoramento dos animais que nascem que são melhores do que as mães.

AMS: O último criatório que a gente tem é o de bovinos de leite, e esses bovinos de leite a gente tinha de uma maneira assim muito rústica, pastos extensivos, a gente tem um pasto que não era dividido não era nada, pouco mais que uma mistura de braquiária com gramão, hoje tivemos oportunidade de uma fonte de uma doação, havia uma Fundação que faz o projeto Vitae e compramos animais melhores, tivemos a formação de pastos, de um pasto que foi dividido em vários piquetes e esses animais começaram a se alimentar em piquetes parcelados todo dia, eles entravam no piquete novo que não tinha sido pastejado, então nossa alimentação fica basicamente a base de pasto quase nada de ração, animais de produção mediana, animais de produção boa em mais de quinze litros de leite por dia, então como eu estava dando pasto e mais um pouco de ração, e consegui aí uma produção média de dez, doze litros por volta de dez, doze litros por vaca. Na reprodução tentamos em inseminação artificial, mas tenho problema com pessoal de identificação e tudo mais, então, abandonamos a inseminação artificial e colocamos um touro cruzado para fertilizar essas vacas e obter os bezerros, foi o queridinho da criação, queridinho da escola. Aí nós tivemos um problema com incêndio que queimou o sistema de irrigação do pasto e com isso nós ficamos com pasto só no período de verão, chegando o inverno a gente estava tendo que fazer silagem para fazer alimentação desses animais. Então, nessa criação nós temos lá na sala de ordenha com ordenhadeira mecânica do jeito que manda a deliberação do Ministério da Agricultura, com uma sala própria, um espaço próprio para ordenha com piso impermeável, e a

ordenhadeira mecânica também seguindo o padrão de limpeza, regulagem e limpeza como determina as especificações do equipamento, mas os animais são mantidos lá na escola, os machos, os bezerros machos, atualmente assim como eles não dão renda futura, o valor de mercado que eles pegam depois de desmamado é muito baixo não chega a cobrir o custo de produção deles, então o manejo atual é elimina-se os machos sacrifica-se ele simplesmente, tudo que eles beberiam, vai virar leite para comércio, lá na escola a gente não faz isso, a gente arca com o custo e acaba recriando esses animais tem um porte para venda, para corte, então havendo necessidade acaba vendendo esses animais para alguém que queira fazer a recria e o abate deles.

SMOOS: Para encerrar nossa entrevista, você gostaria de deixar uma mensagem para gente?

AMS: Olha, a mensagem que eu posso deixar, o agronegócio ele não nunca vai deixar de desistir, a gente pode, mas em qualquer atividade industrial humana, qualquer coisa pode ser modificada atualmente num piscar de olhos. O agronegócio vai existir sempre, ele vai sofrer algumas modificações por causa do advento da tecnologia, aquele negócio da agricultura de precisão, mas a população vai ter que comer, então acredito muito no agronegócio, acredito no que eu faço, a paixão pelo campo, o respeito que a gente tem que ter pela vida e o que eu gosto de pensar nessa atividade agropecuária é que nós somos, nós conseguimos cultivar a luz, porque todos, tudo o que acontece numa propriedade rural é captação de luz por fotossíntese, produção de massa verde, alimentação de animais ou produção de grãos. então eu me sinto realizado trabalhando numa escola que eu consiga passar esse amor, o carinho pelo campo e é só.

SMOOS: Muito obrigada professor! Entrevista que foi realizada no dia 28 de agosto de 2020.

AMS: Eu que agradeço professora Sueli.

Descritores

História oral na educação

Aviário

Suinocultura

Bovinocultura

Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu

Memória do trabalho docente

Clínica Veterinária

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Técnico em Contabilidade

Medicina Veterinária

Alvaro Migas Stefani

Centro de Memória

Dados Biográficos do Entrevistado



Álvaro Migas Stefani. Formado pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP), em Medicina Veterinária em 1984. Licenciatura Plena (equivalente) pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo, São Paulo, habilitação em zootecnia 1998. Exerce a atividade de médico veterinário desde 1985 em clínica e cirurgia de animais de grande, médio e pequeno porte, inspeção de leite em miniusinas, perito judicial nas comarcas de

São José do Rio Preto e Mirassol. Em 1989 ingressa como professor na ETAE “Professor Matheus Leite de Abreu”, sendo efetivado como professor em 1995 na ETEC de Mirassol. Atualmente é professor de Nutrição animal, criação de animais de médio e grande porte, pastagens e conservação de forragens além de coordenador de curso de agropecuária.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Sueli Mara Oliani Oliveira Silva. Licenciada em Educação Artística (PUC-Campinas, 1989). Licenciada em Pedagogia (Uniube, 2009). Atualização “Programa Gestão Escolar e Tecnologias” (PUC-SP, 2009). Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Artes "Lato Sensu" (Barão de Mauá, 2013). Professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1990 a 2018). Professora de Artes da Etec Professor Matheus Leite de Abreu (1994 a 1996, 1998 a 2020) e da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1999 a 2020). Coordenadora do Ensino Médio e Pedagógica na Etec Professor Matheus Leite de Abreu (2004 a 2012). Participa do GEPEMHEP, desenvolvendo estudos e pesquisas sobre a memória e história da educação profissional e tecnológica (2012 a 2019). Curadora do Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon (2015 a 2019).

Artigo publicado: “Metalografia: base conceitual de Colpaert como referência teórica e prática no curso de Mecânica” (2015). Trabalhos apresentados no Centro Paula Souza, São Paulo: “Resgatando a História do Philadelpho – Escola Artesanal” (2012); “Estudo dos objetos científicos e tecnológicos do curso técnico em Agropecuária do acervo do Centro de Memória da Etec Professor Matheus Leite de Abreu no período de 1970 a 2015” (2016); “O teodolito ótico mecânico como ferramenta da topografia no curso Técnico em Agropecuária de 1970 a 2014” (2017), “Narrativa sobre a historiografia e as práticas de registro de artefatos no Centro de Memória da Etec Professor Matheus Leite de Abreu” (2018) e “Arquitetura escolar e a história das instalações agrícolas da Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu de 1965 a 2019” (2019).

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Álvaro Migas Stefani

Termo de Autorização para uso de Imagem de Álvaro Migas Stefani